



**Paulo Nogueira**  
professor da Faculdade de Psicologia  
e de Ciências da Educação da UP

## Polvilhar o mundo de gente

A poética de ANDRÉ LAMAS LEITE concorre a uma mistificidade que hoje em dia dizemos profana. Pode parecer um jogo demasiado austero. Ao poeta a realidade não se lhe pode por simplesmente real. Ao invés, jocosamente contemporânea, é uma poética que cria, no leitor, aquele espaço de dispersão - ou de «dobra», se quisermos evocar o termo de DELEUZE - cujo compromisso não será de todo imediato. As poéticas, sejam elas ou mais lacónicas ou mais contemporizadas, são como que um abraço despegado do tempo no qual elas vivem, e o autor, jogando connosco o «único e o singular» da cor da vida, transforma a ferida que pode ser respirar num envolvimento diferente com o tempo.

Esta atitude, e que aqui se torna numa temporalidade, atravessa o tecido de que se reveste o livro, mas em dois períodos. Em «deus e outras coisas menores», ANDRÉ LAMAS LEITE percorre interrogações distintas, ainda que unidas pelo mesmo elo da confissão. Sob o aparelho de tortura em torno do qual os seus textos adquirem uma identidade própria, surge porém um êxtase a partir do qual o autor, também ele enquanto coisa «entre dois pontos/e muitos mais» (p. 17), se constitui em luta, desejo, perda. ANDRÉ LAMAS LEITE, essa entidade textual cuja realidade surge fustigada nos dois compassos que constituem o livro, constrói um território muito pouco devoto à simplicidade ou à evidência causal de existir. A «eterna obrigação da existência», expressão que retoma o absurdo enquanto objecto próprio da poética sartriana, é uma das principais premissas pelas quais o autor propõe levar-nos ao incessante jogo entre criação e tempo. Estamos, portanto, perante uma perpétua oscilação.

E todavia, a atitude cuja contemporaneidade consiste no ser capaz de incarnar o escuro no meio da luz é

tudo menos actual, no sentido de «agora». GIORGIO AGAMBEN fala-nos disto, quando interroga o sentido do contemporâneo «à luz» do olhar escrito dos poetas e cuja chamada ao tempo equivale muito mais a um desfasamento (veja-se a criança com o adulto dentro, e sobre a qual por exemplo nos fala JULIO CORTÁZAR), do que à mera observação dos objectos por muito atenta que tal observação seja à passagem do tempo. Esta atitude não é simples, e ANDRÉ LAMAS LEITE revoga a coisa divina para passar a uma acção que é um discurso de si com o Outro - «à mesa de deus/comem ímpios, gentios, putas e pagãos, todos do mesmo prato» (p. 28) - como se dessa tentativa viesse a resultar um Hermes, o poeta asceta cuja conversa com os demais seria a obra de uma mensagem indecifrável, só dele. Isto obriga a que o leitor se «dobre», como atrás fizemos referência, porque nessas hermenêuticas - e sobretudo sem sobre elas o leitor poder decidir o que ver ou ler - resistem as mãos viventes (essas mãos cheias de autoridade), nas quais parece haver «mais sabedoria/que em todas as alexandrias do mundo» (p. 64). Olhando para a mensagem trazida por Hermes, uma inquietação da qual poucos saberão falar, os textos de ANDRÉ LAMAS LEITE parecem convocar, porém, um espaço menos contemplador, julgando a partir do intervalo que o autor cria em «e de mim/igualmente/esbulhado/selei a porta da felicidade» (p. 47).

Deste intervalo produz-se um segundo compasso do livro, muito mais conflituante com as epistemologias do olhar de que se revestem as ciências do quotidiano. Nessa matéria, o autor - um construtor entre a Mensagem e a Terra - é o recomeço de uma espécie que medita sobre o mundo, «só para não perturbar a tua realeza» (p. 108), e muito provavelmente desarmado.



**Maria Manuela Félix**

## A Costura enviesada

O homem gritava e os ossos da casa sacudiam-se, assustados e doridos.

Certo de que as paredes tinham ouvidos espias, irado contra as bestas que batiam com os cascos nas vidraças e o perseguiam pelo inverno dentro.

Gritava.

Atordoado pelo barulho das vozes, perdido de si próprio, batia com os pés na solidão e entrava nu e surdo nas águas da memória. Voltava à tona ainda zozno, manietado por cordas de conceitos que não lhe permitiam libertar-se.

Erguia-se içado por uma haste de inteligência e de humor obscuro.

A noite trazia consigo as pragas e o pânico, morcegos estendiam asas de sombras, faziam-lhe figas do teto com esgares de escárnio.

O medo cegava-o.

Gritava.

Ninguém lhe perguntou onde lhe doía.

A mulher bordava um silêncio escorregadio, sentada num mutismo gélido.

De repente, sem dar por isso, saturada dos berros coléricos do marido, pegou na tesoura e cortou o grito ao meio.

Assustada com o que fizera, apressou-se a cozê-lo numa costura rápida e enviesada.

A filha condóida, chamou a atenção da mãe:

- Aquele tecido da alma do pai, transbordante de emoções e de sentimentos indizíveis, só podia ser cerzido com uma linha de minúsculas corolas de rosas e beijos.

A mulher pensou que os seus dias tinham chegado ao fim.

Ao sentir o olhar dele no meu pescoço, falei com os meus botões:

- Não vale a pena brincar ao faz de conta, fingir que estava arrependida.

Fiz o que tinha de fazer, o que há muito devia ter feito.

Enfrentei-o.

O homem, irado, quis correr para ela mas o soalho ou ele próprio lançou uma baba pegajosa que o prendeu ao chão.

Quando se soltou atirou-a contra a parede e num som trombo e rouco gritou:

- Traidora, maldita, entre o amor e o ódio é em ti que habito!

Assim permaneceram durante longo tempo petrificados.

A filha abriu a porta da rua e disse:

- Magnólia canta contra o esquecimento!

Acreditei que pelas janelas, um turbilhão de pássaros entraria, enchendo a casa de música.

Gostava de escrever palavras redondas, açucarar o texto mas o silêncio espesso exalava um odor a metais pesados.

A culpa, o ciúme, a vergonha, a desconfiança infiltrava-se neles até aos ossos, instalando a insónia.

Minúsculas gotas de lágrimas e rosas escorriam pelo rosto de ambos e transformaram-se num rio cor de púrpura.

Nesse leito aquoso, atraíam-se, repeliavam-se, misturavam-se.